fantil. São Paulo: Ed. Petrópolis, 2003.

DUARTE. Jr. J. Por que arte-educação? São Paulo: Papirus, 1988.

FERREIRA, I. L. CALDAS S.S. Atividades na pré-escola. São Paulo: Ed. Saraiva, 1993.

GAINZA, V. H. Estudos da psicopedagogia musical. São Paulo: Summus, 1988.p.109-110.

GALVÃO, I.; WALLON H. Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1995.

GARDNER H. Inteligências Múltiplas – A teoria na prática. Porto Alegre: Ed. Artimed, 2000.p.40-45.

JEANDOT, N. Explorando o universo da música. Belo Horizonte: Ed. Scipione, 1976.

LOUREIRO, A. M. A. O ensino da Música na Escola Fundamental. São Paulo: papirus, 2003.

MARIA, S. Brincando de roda – Coral Infantil. Pará: Selo Eldorado, 1997.

MARTINS, R. Educação musical: conceitos e preconceitos. Rio de Janeiro: Funarte, 1985.

PARRAT, S. E TRYPHON, A. Piaget sobre a pedagogia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

PIAGET, Jean. Epistemologia genética. Tradução de Álvaro Cabral. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PIAGET, Jean. O juízo moral na criança. 4. ed. São Paulo: Summus, 1994.

PIAGET, Jean. O nascimento da inteligência na criança. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
PILLETI, N. Psicologia Educacional. 8º Ed. São Paulo: Editora Ática, 1990. RABELLO, E.T. e PASSOS, J. S. Vygotsky e o desenvolvimento humano Disponível em <http://www.josesilveira.com> no dia 20 de julho de 2014.

RIBEIRO, A. M. Curso de Formação Profissional em Educação Infantil. Rio de Janeiro: EPSJV / Creche Fiocruz, 2005.

ROSA, N.S.S. Educação musical para a pré- escola. Belo Horizonte: Ed. Ática, 1990.

ROSA, L. Musicalização: para pré- escola e iniciação musical. São Paulo: Irmãos Vitale, 1988.p.5.

SUZIGAN, M. L. Educação Musical: um fator preponderante na construção do ser. São Paulo: Ed. CRL Balieiro, 1986. p.2.

SNYDERS, G. A escola pode ensinar as alegrias da música? São Paulo: Ed. Cortez, 1990.

VISCONTI, M.; BIAGIONI, M.Z. Guia para educação e prática musical em escolas. Rio de Janeiro. ABE Música, 2002.

VASCONCELLOS e VALSINER. Perspectivas co-construtivistas na educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

WADSWORTH, B. J. Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget. 5ª ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

WALLON, H. Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada. Petrópolis: Vozes, 2008.
WALLON, H. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALFABETIZAÇÃO AS DIFICULDADES DO PROCESSO DE APRENDIZAGENS NOS ANOS INICIAIS

JUCÉLIO MARCOS DE MEDEIROS

RESUMO

Este artigo tem como escopo uma inquietação minha frente as dificuldades do processo de alfabetização dos alunos nos anos iniciais, assim como a afetividade como norteadora de cognição. A consolidação do processo de aprendizagem demanda várias formas de atuação para que possamos ajudar nossos educandos no caminho de apropriação das competências de leitura e escrita, sendo assim, o presente artigo busca uma pequena contribui-

ção para este universo de possibilidades de formas de atuação na sala de aula. A afetividade do aluno/educador pode ser a ponte para um aprendizado mais significativo dos alunos e um bom começo para a transformação da capacidade cognitiva das crianças.
Palavras Chave: Afetividade, Alfabetização, protagonismo do aluno.

ABSTRACT

This article has as its scope a concern of mine in front of the difficulties of the students' literacy process in the initial years, as well as the affectivity as a guide of cognition. The consolidation of the learning process demands several forms of action so that we can help our students in the path of appropriation of reading and writing skills, therefore, this article seeks a small contribution to this universe of possibilities of ways of acting in the classroom. class. The affectivity of the student / educator can be the bridge to a more meaningful learning of the students and a good start for the transformation of the children's cognitive capacity.
Keywords: Affectivity, Literacy, protagonism of the student.

INTRODUÇÃO

Este artigo teve por base uma inquietação que me ocorreu acerca a das dificuldades encontrada pelos alunos com relação a alfabetização. Há muito se sabe, que alfabetizar é um processo, e dele depende todo um arcabouço de aprendizagens pré-existentes do aluno. Aprendizagens estas, quase sempre referentes a oralidade. Daí a busca por distinguir símbolos da escrita requer um conjunto de etapas que necessitam estar interligadas, portanto, conclui-se que alfabetizar não é só saber ler e escrever ou seja:
Para se alfabetizar, a criança precisa refletir sobre a escrita e compreender o funcionamento do sistema alfabético. Não é uma tarefa simples, pois exige um alto nível de elaboração intelectual por parte do aprendiz. É preciso utilizar o conhecimento convencional das letras; ter informações parciais; utilizar simultaneamente as estratégias de leitura que implicam decodificação, seleção, antecipação, inferência e verificação; escolher quantas e quais letras vai usar para escrever; justificar as escolhas (FERNANDES, 2010, p.7).

Outra questão muito importante a considerar é a autonomia no processo de aprendizagem e amparar seus saberes e conhecimentos de uma forma a valorizar suas próprias histórias de vida. Como diz Fernandes (2010, p. 69):

Uma boa situação de aprendizagem ocorre quando o professor tem a visão de que o aprendiz é o sujeito que constrói seu próprio conhecimento, propondo então, aos alunos, situações desafiadoras, ou seja, ao mesmo tempo difíceis e possíveis.

Em síntese, a etapa escolar do Ensino fundamental I nos anos iniciais, aprofundam-se as experiências com a língua oral e escrita, já iniciadas na família e na Educação Infantil. Sendo assim, no processo de alfabetização, aprofundam-se o conhecimento e o uso da língua oral, as características de interações discursivas e as estratégias de fala e escuta em intercâmbios de aprendizagem, sistematizando a alfabetização, particularmente nos dois primeiros anos, e desenvolvem-se, ao longo dos três anos seguintes, a observação das regularidades e a análise do funcionamento da língua e de outras linguagens e seus efeitos nos discursos.

DESENVOLVIMENTO

Há um consenso entre os educadores que para a criança aprender a escrever é necessário antes de tudo estar familiarizada com a leitura (de outros para ela) a oralidade viva da língua. Desta forma a base de sustentação da alfabetização é oferecer a leitura para a criança, como diz FERREIRO (2001, p.59).

Através das interações adulto-adulto, adulto-criança e criança entre si, criam- se as condições para inteligibilidade dos símbolos. A experiência como leitores de textos informa sobre a possibilidade de interpretação dos mesmos, sobre as exigências desta interpretação e sobre as ações pertinentes, convencionalmente estabelecidas. Aqueles que conhecem a função social da escrita dão-lhe forma explícita e existência objetiva através de ações interindividuais, a criança se vê continuamente envolvida, como agente e observador, do mundo letrado.

As principais dificuldades que temos hoje começa pelo passado, a herança do analfabetismo e das desigualdades tão perene atualmente. Muitos alegam que o problema da alfabetização escolar tem como base principal a implantação de metodologias de ensino baseadas no construtivismo e no conceito de letramento. Por esta razão, defende-se a utilização de métodos de base fônica. Contudo segundo SCOZ (1994, p.88)
A cartilha, por exemplo, pode funcionar como um ponto de apoio, um modelo norteador para a apresentação e desenvolvimento do conteúdo, sobretudo para professoras sem experiência em alfabetização. Não se deve, no entanto, representar mais que do que um mero recurso, pois está longe de dar conta dos múltiplos aspectos que envolvem a aquisição da leitura e da escrita.

Por isso, o educador deve buscar orientação em seu coordenador ou na formação continuada para que possa oferecer estratégias de ensino diversificadas, apresentando situações pautadas na própria vivencia da criança, utilizando materiais que lhe ofereçam a oportunidade de identificar a escrita e relacioná-la com o cotidiano, opor-

tunizando, assim, o entendimento do seu valor social. Dessa forma a cultura onde o educando se insere é de suma importância para a busca de estratégias para uma boa alfabetização, pois como afirma CÓCCO (1996, p.13):

O indivíduo humano (…) interage simultaneamente com o mundo real em que vive e com as formas de organização desse real dadas pela cultura. Essas formas culturalmente dadas serão, ao longo do processo de desenvolvimento, internalizadas pelo indivíduo e se constituirão no material simbólico que fará a mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento.

O construtivismo é baseado no conceito de que a criança sabe e reflete seus conhecimentos, organiza-os, aprofunda-os e desenvolve-os. Sendo assim, o professor não é o saber, mas um mediador do saber. Nós professores temos que ter em mente que a criança será o futuro cidadão, capaz de penar por si só, teremos de lhe dar condições de ser autônoma. A criança deve ter liberdade para interagir com seus colegas e com seu professor, trocando pontos de vistas, confrontando opiniões, tomando decisões próprias e deve ter autonomia para interagir com o objeto de seu conhecimento.

A alfabetização é um processo de construção gradativa sobre a forma como funciona as regras de geração do sistema alfabético de escrita, e para que o educando obtenha êxito, é necessário criar condições para o aluno ter acesso ao mundo da escrita, tornando-o capaz não só de ler e escrever, mas, sobretudo, fazer uso real e adequado da escrita com todas as funções que ela tem em nossa sociedade.

Assim surge a ideia de criar um "ambiente alfabetizador", onde a criança terá tendo acesso a livros, histórias e cartazes na sala de aula, onde se tenha a escrita de forma lúdica. Contudo, a necessidade de ler e escrever não surge da mesma forma para todas as crianças, já que elas vivem em meios diferentes que lhes proporcionam experiências diversas. Por exemplo, a criança de classe média e da zona urbana, é favorecida por estar em contato com o código escrito muito antes de ir à escola, através de letreiros de propagandas, cartazes, TV, acesso a livros, revistas, gibis etc. enquanto a criança que vive num meio onde não tem contato com a palavra escrita, não vai sentir a mesma urgência de ler. Assim, se em sua casa não existem livros, jornais, revistas, se os pais não leem, nem escrevem, a criança não vai se interessar tanto pela alfabetização, já que palavra escrita não faz parte do seu mundo. Desta forma, quando essa criança não tem tanto acesso ao universo letrado, cabe ao educador uma interferência dialógica, levando a criança a perceber porquê e para que ler e escrever. Algumas atividades poderão ser trabalhadas na linguagem oral como

coro falado (parlendas ou quadrinhas populares), conversas e discussões que poderão ser ricas e produtivas se provocadas com objetivos sociais.

Ler é interagir com o autor/escritor, procurar e produzir sentidos, vivenciar experiências. Para leitura, a criança precisa interpretar símbolos, imagens, gestos, desenhos etc. promovendo, inferências e a comunicação de várias formas de textos entre si. Podemos verificar que as crianças nas classes de alfabetização formulam hipóteses de leitura. Essas hipóteses de leitura vão avançando nas intervenções do ambiente escolar e a criança percorre um longo caminho que vai da identificação do texto e imagem, passando pela etiquetagem ou hipótese do nome, até a tentativa de conciliar sua hipótese com os indicadores, isto é, os signos já conhecidos, pois como diz BARBOSA (1984, p.63):

Evidentemente relacionado com a palavra, o ato de ler um /texto depende, entretanto, das mais intrincadas e delicadas formas de "discriminação e focalização desempenhadas pelo aparato visual". Kolers enfatiza, ainda, que a leitura de produtos da linguagem verbal ou visual envolve estratégias similares de apreensão de informação, seletividade e reconstrução.

Os processos de aprendizagens são refeitos dia após dia, pois, através de avaliações podem ser constatadas dificuldades de aprendizagem, porém, não podemos deixar de constatar que a afetividade é a base para construir o conhecimento racional. Crianças com boa relação afetiva possuem melhor desenvolvimento intelectual, portanto, é extremamente importante que haja um trabalho em equipe na busca de uma aprendizagem significativa. É de suma importância na sala de aula quando nos deparamos com dificuldade de aprendizagem. Devemos ter como foco principal a vida cotidiana da criança, pois, com a parceria da família, o professor poderá ter um trabalho mais decisivo e com norte à começar a propor e buscar situações que envolva o educando em ambientes aconchegantes e amorosos, pois como diz VYGOTSKY (1989, p. 82):

No plano intrapsicológico o indivíduo lida com a dimensão do significado que relaciona as palavras às vivências afetivas e contextuais muito mais que ao seu aspecto objetivo e compartilhado. Os sentidos de diferentes palavras fluem um dentro do outro e cada palavra está tão saturada de sentido que seriam necessárias muitas palavras para explicá-la na fala exterior.

O desenvolvimento da inteligência é gradativo, sendo descoberto ao longo da vida e aumentado ou estacionado de acordo com práticas afetivas. Criança com autoestima tem a sua inteligência desenvolvida de forma mais rápida e concreta, já a criança com baixa autoestima poderá apresentar dificuldade de aprendizagem, logo, sua inteligência será desenvolvida de maneira mais lenta. Para eliminar dificuldades devemos estar sempre atuando como educadores pesquisadores afetivos com nossos alunos e com a própria profissão.

Um método de alfabetização que leve em conta o processo de aprendizagem, deve deixar um espaço para que o aluno exponha suas ideias a respeito do que aprende. Neste sentido, o educador fará um trabalho de alfabetização visando o ensino e a aprendizagem de maneira equilibrada e adequada.
O trabalho de Emília Ferreiro é de fundamental interesse para quem se preocupa com o progresso do indivíduo ao se deparar com a alfabetização, ou melhor, com a aprendizagem da leitura e da escrita. Ela certificou-se de que os caminhos para "reinventar" a escrita são os mesmos para todas as crianças, independente da classe social. Ela considera a criança um ser cognoscente na medida em que busca a aprendizagem dos conceitos da escrita. Ela não criou nenhuma metodologia específica, contudo, cabem a nós, educadores, buscar a melhor maneira de ajudar nossas crianças a construir sua aprendizagem e adaptar nossa prática metodológica à teoria comprovada pela pesquisadora.
Níveis conceituais linguísticos descritos por Emília Ferreiro.
NÍVEL PRÉ-SILÁBICO: Neste nível, escrever corresponde a reproduzir os traços típicos que a criança identifica como escrita. Para a criança, nesse momento, a escrita é uma forma de desenhar.
NÍVEL INTERMEDIÁRIO I: Essa fase caracteriza-se por um conflito. A criança já conhece e usa alguns valores sonoros convencionais, além de alguns trechos da palavra; só demonstra estabilidade ao escrever seu nome ou palavras que teve oportunidade e interesse de gravar, começa a ter consciência de que existe alguma relação entre a pronúncia e a escrita.
NÍVEL SILÁBICO: Nessa fase, a criança já conta os pedaços sonoros (sílaba) e coloca um símbolo (letra) para cada pedaço; já aceita palavras com uma ou duas

letras, mas com certa hesitação. Sabe escrever, mas não poder ler o que foi escrito, é fator gerador do conflito de passagem para o nível posterior.
NÍVEL SILÁBICO-ALFABÉTICO OU INTERMEDIÁRIO II: É mais um momento
conflitante, pois a criança precisa negar a lógica do nível silábico. É a passagem da hipótese silábica para a hipótese alfabética. É o momento em que se começa a acrescentar letras principalmente na primeira sílaba.
NÍVEL ALFABÉTICO: Nesse nível a criança transpõe a porta do mundo e das coisas escritas. Consegue ler e escrever o que pensa e fala; compreende a lógica da base alfabética da escrita. Estar no nível alfabético não significa ainda saber escrever corretamente, nem do ponto de vista ortográfico nem do ponto de vista léxico. Este é o marco que Emília Ferreiro advoga como critério básico da alfabetização.
A intervenção da escola nesse processo permeia simultaneamente a teoria e a prática, e esse é o grande desafio do professor, isto é, entender como deve ser sua atuação junto ao processo de cada criança, tendo um embasamento teórico por trás. Para isso é fundamental o auxílio aos docentes por parte dos coordenadores, especialistas e psicopedagogos escolares, no sentido de auxiliar e incentivar os professores a inovarem suas teorias, a buscarem novas práticas para sua sala de aula, principalmente, quando enfrentam problemas de aprendizagem dos alunos.
É evidente que para a formação plena de um indivíduo leitor haja uma integração entre família, escola e professor mediador objetivando sempre o contato e envolvimento do educando com a leitura até que possa criar sua própria independência interpretativa. Além disso temos que ter em mente que como diz SILVA (1998, p.10), citando os estudos de Emília Ferreiro que possibilitaram desviar o centro do trabalho que era o professor, para o ser que aprende e sua relação com o objeto de aprendizagem:
Para ser assimilada, a informação deve ser integrada a um sistema previamente elaborado (ou a sistema em processo de elaboração), não é a informação, como tal, que cria conhecimento. O conhecimento é resultado da construção de um sujeito cognoscente conhecido.
7 ENTREVISTA – EDUCADORA ALFABETIZADORA

Este estudo busca descrever e identificar as dificuldades no desenvolvimento pedagógico do aluno, para que isso acontecesse, foi necessário observações, entrevistas e registros de dados sobre a criança, escola e educadora. Na entrevista realizada com a professora, percebe-se que ela desenvolve seu trabalho com satisfação, exerce a função há 20 anos com dedicação. Dentro da sala de aula citou vários problemas enfrentados no processo de ensino, destacando a falta de interesse dos alunos mesmo com todos os recursos oferecidos pela escola. A metodologia utilizada é a realidade da aprendizagem apresentada pela turma, ou seja, de acordo com o nível de desenvolvimento apresentado. Ressaltou que realiza trabalhos de socialização com todos os alunos, pois eles apresentam dificuldades de se relacionar e de cumprir regras estabelecidas, utilizando rodas de conversa possibilitando a interação entre os alunos, deixando os alunos mais à vontade para compartilhar histórias de suas vidas.

Trilhas de atuação Pedagógica

Tendo como premissa que o educando é o principal agente de sua aprendizagem, podemos dizer que a

aprendizagem é um processo de construção que se dá na interação constante do aluno com o meio em que vive, tendo início pela família, depois pelo complemento da escola, ambos de acordo com a comunidade em que estão inseridos. A função da escola é propiciar ao aluno trilhas para que ele aprenda cada vez mais e possibilitem aos mesmos atuar criticamente em seu meio social, formulando estratégias didáticas, para melhor atender as necessidades do educando.
Participamos do estudo de caso de um aluno da professora citada acima que tinha dificuldades para se alfabetizar. A educadora relatou que embora o aluno tenha frequência, é um aluno com dificuldades de concentração e assimilação dos conteúdos, expõe que ter muitos alunos por turma (30 alunos) cria dificuldades em alcançar bom desenvolvimento dos educandos e a falta de especialista como psicólogos, fonoaudiólogos entre outros. Baseado nas limitações transitórias

apresentadas pelo aluno foi necessário coletar dados com o próprio aluno, através de um diálogo informal e assim propor intervenções adequadas. Foram realizadas conversas sobre a escola, educador e família, nas quais a criança se sentiu à vontade, respondendo de forma espontânea. Antes de selecionar e fazer as atividades, foi verificado o grau de dificuldade apresentada pelo aluno através de uma sondagem de escrita, e assim foi observado as características do pensamento do aluno, para então planejar os caminhos corretos da intervenção pedagógica. Realizou-se a sondagem utilizando uma lista de palavras do mesmo campo semântico (frutas), propondo ao aluno uma escrita espontânea. Ao entender a real função junto dele, o aluno sentiu- se à vontade e mostrou muito interesse, na maioria das vezes, se propôs realizar a atividade aplicada pedindo mais atividades e encontros. O aluno demonstrou gostar do ambiente escolar, da professora e de estudar, gosta de seus colegas de sala, e se dá bem com todos. No começo o aluno apresentou muita dificuldade na formação das palavras, na compreensão de texto, propus atividades de cruzadinhas com objetivo de despertar a percepção de que uma única letra pode ser usada em várias palavras, propiciando situações de lateralidade dentro da atividade, outra atividade proposta foi para o desenvolvimento da oralidade, pois senti que ele tinha dificuldade de se expressar.
O processo de aprendizagem com silabas se dá por associações entre o desenho das letras e os sons correspondentes, utilizando atividades ou situações do seu cotidiano. Foram desenvolvidas algumas atividades utilizando o alfabeto móvel para a formação de palavras e frases, o objetivo da utilização deste material é ativar a percepção de que utilizamos várias letras para compor uma palavra e não uma letra para cada sílaba como raciocina a criança que está no nível silábico. Foi proposto ao aluno após atividade, a realização da leitura das palavras criadas, fazendo com que a criança descubra o mundo letrado, formulando hipóteses, expressando ideias e sentimentos, comunicação, habilidades entre outros. Após perceber que o aluno fazia trocas de letras, apresentei um banco de palavras com os fonemas que ele mais trocava. Outra atividade selecionada foi a organização de texto, recortado em tiras para o aluno colocar em ordem e fazer a leitura. Frases já elaboradas com textos escritos mesclados com figuras de imagens, o aluno teria que observar os desenhos e identificar as figuras fazendo uma leitura não escrita e associá-las ao conteúdo descrito na frase fazendo adaptações que atenderiam a necessidade de sentido da

sentença proposta para completar os espaços. Conseguimos despertar a leitura das imagens, decodificação de códigos e signos linguísticos e conduzir o aluno a criar hipóteses referentes à escrita e leitura. Procuramos sempre que necessário auxiliá-lo, desta forma ele recebia motivação necessária para a conclusão das atividades. O aluno respondia de forma positiva e com sua dedicação demonstrava interesse pelas novas descobertas, quando havia conflitos na organização das letras para a formação da palavra, o aluno buscava informação de outras referências já apreendidas e assimiladas, letras que já era existente no seu contexto para solucionar o seu conflito, e se fosse necessário de forma prazerosa refazia as atividades. No decorrer das atividades desenvolvidas, a criança começou a pedir para fazê-las sozinha, demonstrando menos dificuldade. O educador que propicia interações reais de leitura e de escrita em que as crianças possam ser o agente ativo, esse sim domina o ambiente alfabetizador. Utilizar a escrita de acordo com o meio de vivência da criança faz o aluno refletir melhor a respeito da língua e seu uso, construindo a ideia de como se lê e como se escreve. Os resultados apresentados foram satisfatórios, pois os encontros e atividades propostas estavam contribuindo para o desenvolvimento pedagógico do aluno. A professora da sala reconheceu nosso trabalho e incentivou o aluno a continuar se dedicando, através da atenção na hora das atividades. O papel do professor é ser mediador entre o conhecimento e o aluno, pois ele deve criar e subsidiar situações que permitam vivenciar os usos sociais da escrita, de acordo com o seu conhecimento, propondo sempre desafios. Tendo como objetivo analisar as dificuldades de alfabetização, verificando os métodos para identificá-las e tratá-las. As intervenções tiveram como objetivo principal, dar o devido apoio e incentivo, bem como identificar e sanar as dificuldades enfrentadas pelo aluno no seu processo de aprendizagem, sobre as competências leitora e escritora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo de caso apontam que uma intervenção individual no processo de ensino da leitura e escrita, é primordial para o desenvolvimento de um aluno que apresenta dificuldades no aprendizado, pois